

GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 28, pp. 192 - 193 , 2010

SILVA, Jailson de Souza e BARBOSA, Jorge Luíz. Favela: Alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro: Editora SENAC RJ, 2005

SILVA, Jailson de Souza e BARBOSA, Jorge Luíz; BITETI, Mariane de Oliveira e FERNANDES, Fernando Lannes (org). O que é favela, afinal? Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2009

Fabiana Valdoski Ribeiro*

A Favela posta em Cena

Em uma realidade de urbanização calcada no aprofundamento dos processos de expropriação e espoliações consolida-se o fenômeno da produção de uma morfologia intitulada Favela, que continua a representar um desafio teórico e prático para pesquisadores. Esse desafio é enfrentado de várias formas, uma delas desenhada no âmbito de duas publicações do Observatório das Favelas (Rio de Janeiro) assentadas na busca conceitual do termo favela e objetivando a efetivação de políticas públicas. Tal meta remonta à trajetória deste Observatório que criado em 2001, pensa a inserção da Favela no âmbito das políticas de Estado.

A primeira publicação intitulada "Favela: alegria e dor na cidade" (2005) compõe-se de quatro capítulos que expõem um movimento da história de formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro, as formas de intervenção do Estado, a prática cotidiana dos moradores como manifestação das transgressões diante das opressões, e finaliza com as propostas de caminhos possíveis de superação das desigualdades e ampliação da democracia. O argumento central dos autores se direciona para o questionamento das visões de homogeneidade, ausência, carência e apartamento das favelas diante da cidade apontando a urgência de construção de um projeto de cidade democrático e fraterno.

Ao longo do texto os autores vão descrevendo os exemplos destas visões e analisam o resultado delas tendo por base como a população residente vive, pois são ora invisíveis, ora criminalizados, ora caracterizados como um problema social

estabelecendo, portanto, uma lógica autoritária que legitimará no decorrer da história das favelas, as intervenções estatais. Este movimento molda uma linha argumentativa que tenta explicitar o negativo diante da produção possível para o "morar", que calcado na impossibilidade do acesso à terra pelo imperativo da propriedade privada empurra grandes contingentes populacionais para os interstícios da cidade revelando a profunda desigualdade socioespacial. É sentido que a favela não se apresenta como exterioridade ao processo de produção das cidades brasileiras, mas afirma a constituição de um processo de segregação socioespacial intrínseco à urbanização capitalista. Silva e Barboza apontam estas determinações ao traçar os mitos eleitos para a leitura do significado de favela e por isso o ponto de partida é a pergunta: o que é favela?

A segunda publicação do Observatório das Favelas representa o amadurecimento do debate elaborado em 2005 com a consolidação de um seminário nos dias 19 e 20 de agosto de 2009 caracterizado por um formato institucional focado na elaboração das políticas públicas para os espaços heterogêneos das favelas. O livro "O que é favela, afinal?" (2009) apresenta os objetivos do seminário, os atores institucionais, o conjunto de pesquisadores e agentes públicos que atuam na produção de políticas públicas, a síntese dos debates no grupo de trabalho e a elaboração da "Declaração O que é a Favela, Afinal?" e finaliza com um DVD contendo momentos desse encontro. A tentativa deste debate esteve pautada na busca pela recuperação da correspondência entre o fenômeno favela e sua representação conceitual

*Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

compondo um quadro à elaboração de políticas públicas adequadas a estes lugares das cidades. Em um conjunto de nove textos realizados pelos pesquisadores pertencentes a universidades, poder público e instituições que atuam em favelas foi apresentados um panorama das mudanças significativas ocorridas nas últimas décadas na dinâmica interna delas, retomou-se a idéia de heterogeneidade e da favela como parte integrante e estruturante da cidade, a estratégica lógica do mercado imobiliário informal, as práticas das políticas públicas efetuadas atualmente culminando na importância dos Planos Locais de Habitação de Interesse Social (PLHIS).

Como objetivo precípuo de um encontro pautado na proposta de buscar um conceito para subsidiar as políticas de públicas, o grupo de trabalho levou a cabo o resultado destes pensamentos em quatros pontos para delimitar o que é favela apresentado no formato de Declaração. Nela a favela é tratada como um território com implenitude de políticas e ações do Estado, precariedade em investimentos, como resumo das condições desiguais da urbanização e configuração de um território com identidades plurais com expressiva presença de negros e indígenas.

Ambas as publicações seguem o convite de pensar as formas possíveis de luta urbana diante as desigualdades e segregações do movimento da urbanização contemporânea. Firmados na realidade brasileira, os autores nos colocam diante do fato das misérias absolutas vividas e da necessidade de um projeto de cidade, dois pontos que nos levam a pensar os termos deste PROJETO. Se hoje vivemos misérias absolutas é fundamental

um projeto radical de cidade. Radical em qual sentido? No sentido de romper com laços de reprodução da desigualdade e segregação socioespaciais que fundamentadas na socialização da produção da riqueza e apropriação privada impedem a realização da reprodução da vida em sua plenitude. É por meio deste projeto de cidade que se abre a perspectiva da compreensão do possível-impossível. Numa sociedade como a nossa, assentada no mais profundo processo expropriatório, é imprescindível pensar que as políticas públicas se transformam em um momento da luta urbana, ou seja, uma mediação Possível na qual a pressão sobre o Estado traduzir-se-ia em tática de ação. Todavia não enquanto Fim ou possibilidade de diminuição da desigualdade fazendo disso o Projeto, mas trazendo a luz às contradições do processo cumulativo da reprodução ampliada do capital que produz a cidade como estranhamento e não apropriação aos cidadãos. A própria contradição explicitada nos revela os limites mais profundos do Estado Capitalista retirando-o do foco do projeto e elevando o olhar à necessidade de se pensar um projeto que nos aparece na história como Impossível.

As publicações do Observatório das Favelas nos instigam rumo à construção de um espaço transgressor Possível como necessidade de uma ação urgente, contudo a perspectiva do Impossível como projeto nos leva a revelar os limites, as normas e as ideologias que perpassam as ações internas ao Estado, já que este se constitui agente fundamental da engrenagem da produção de desigualdades e em sua força legitimadora realiza a ideologia mais eficiente.